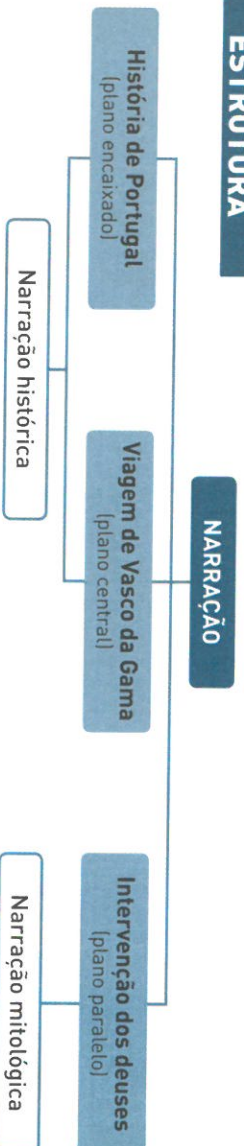


# LUÍS DE CAMÕES, OS LUSÍADAS

## ESTRUTURA



### 3 PLANOS NARRATIVOS + 1 PLANO DE REFLEXÃO

- A narração de *Os Lusíadas* organiza-se em **três planos narrativos** articulados sem quebrar a unidade de ação.
- O **plano da Viagem de Vasco da Gama à Índia** é o **plano central**, pois é com ele que os restantes se articulam.
  - O **plano mitológico da intervenção dos deuses do Olimpo** na Viagem, acompanhando sempre o seu desenvolvimento. Esta intervenção é narrada em **aterrância** com a narrativa da Viagem.
  - O **plano da História de Portugal**, que surge **encaixado** no plano central. Durante a Viagem, os navegadores são acolhidos em Melinde e Vasco da Gama, satisfazendo o pedido do rei daquela cidade africana, conta-lhe a História de Portugal. Já na Índia, a armada portuguesa recebe a visita do Catual e, perante a sua curiosidade, Paulo da Gama conta-lhe factos da História representados nas bandeiras. Finalmente, acontecimentos históricos posteriores à Viagem de Vasco da Gama são narrados por uma ninfa e por Tétis, na Ilha dos Amores.
  - O **plano das reflexões do poeta** – além dos três planos narrativos, há ainda o plano das reflexões do poeta, maioritariamente situadas **nos finais dos cantos**, e que constituem críticas, lamentações, desabafo, exortações aos Portugueses.

### REFLEXÕES DO POETA

<b>canto I</b> , ests. 105 e 106	<b>Canto I – Reflexão sobre a fragilidade da condição humana</b>
<b>canto V</b> , ests. 92 a 100	<b>Canto V – Crítica à falta de cultura e de apreço pelos poetas que os Portugueses revelam</b>
<b>canto VII</b> , ests. 78 a 87	<b>Canto VII – Crítica aos contemporâneos ambiciosos que exploram e oprimem o povo</b>
<b>canto VIII</b> , ests. 96 a 99	<b>Canto VIII – Crítica ao poder do dinheiro</b>
<b>canto IX</b> , ests. 88 a 95	<b>Canto IX – Reflexões sobre o caminho para merecer a fama</b>
<b>canto X</b> , ests. 145 a 156	<b>Canto X – Crítica aos Portugueses seus contemporâneos / Apelo ao Rei</b>

Numa reflexão **autobiográfica**, o poeta exprime desânimo no prosseguimento da sua obra, depois de uma vida de pobreza, desilusões, perigos do mar e da guerra. «Nua mão sempre a espada e noutra a pena!». Lamenta que em troca só tenha recebido ingratitude dos seus **contemporâneos** e alerta para a inevitável inibição do surgimento de outros poetas, em consequência de tais maus exemplos. Aos seus contemporâneos acusa ainda de serem ambiciosos, dissimulados e exploradores do povo.

O poeta critica os seus contemporâneos subjugados ao poder do ouro e enumera os seus **efeitos perniciosos**: provoca derrotas, faz dos amigos traidores, mancha o que há de mais puro, deturpa o conhecimento e a consciência, condiciona as leis, dá origem a difamações e à tirania de reis, corrompe os sacerdotes.

Na sequência da entrega simbólica das **coroas de louros** aos marinheiros e a Vasco da Gama, na **Ilha dos Amores**, o poeta aconselha os que querem alcançar a fama, exortando-os a despertar do adormecimento e do ócio, a pôr de lado a cobiça e a tirania, a serem justos e a lutarem pela pátria e pelo rei. Só assim serão eternizados como os marinheiros [serão também «nesta Ilha de Vénus recebidos»].

«No mais, Musa, o mais...» Nos últimos versos de *Os Lusíadas*, o poeta manifesta desânimo na prossecução do seu canto. O desalento advém de constatar que canta para «gente surda e endurecida», mergulhada «no gosto da cobiça e na rudeza / duma austera, apagada e vil tristeza». Assim é o Portugal do seu tempo.

No entanto, o poeta revela orgulho nos que estão dispostos a reavivar a grandeza do passado e esperança de que o Rei os estimule para dar continuidade à glorificação do «peito ilustre Lusitano» e dar matéria a novo canto. O poema encerra com uma mensagem: a glória do passado deverá ser encaixada como exemplo presente para construir um futuro grandioso.